

5 O Maravilhoso em *O Minotauro*

“– (...) Temos feito tanta coisa prodigiosa, que isso de subir ao Olimpo é o que lá no sítio chamamos ‘café pequeno’ ”.
(Fala de Emília em *O Minotauro* – LOBATO, 2003)

5.1 Parênteses para o conceito de Mito

O Minotauro é uma obra exemplar do trabalho de Lobato com a mitologia grega na criação de sua literatura infantil brasileira.

Antes de passarmos à análise do maravilhoso na obra, introduziremos algumas considerações acerca do conceito de mito, no intuito de situar rapidamente as apreciações deste capítulo sem o aprofundamento que escaparia das intenções deste trabalho.

Mito é discurso e narrativa, espelho das contradições, dúvidas e paradoxos de uma sociedade, que o utiliza como possibilidade de reflexão sobre a existência humana, sua relação com o cosmos e as próprias relações sociais, afirma Everardo Rocha em *O que é Mito* (ROCHA, 2001, p.7).

O mito não pode ser entendido como um fenômeno de sentido fechado, mas difuso e múltiplo, prestando-se a diversas significações e diferentes formas de apreensão, em razão do teor cifrado que o caracteriza e que impõe sua *interpretação*.

Se os significados encobertos pelo mito são diversos e as interpretações que inspiram são as mais distintas, por vezes até contraditórias, o mesmo não se pode dizer do teor mítico, a força do mito como mito, que subsiste a qualquer versão ou tradução. Nesta direção, Everardo Rocha transcreve Lévi-Strauss: “o valor do mito como mito persiste a despeito da pior tradução”, esclarecendo que para o grande antropólogo social a tensão *traduttore / traditore* (tradutor/traidor) não se

configura no mito. Como já vimos no capítulo sobre paráfrase do presente trabalho, a tradução do texto poético, ao contrário, pode subverter-lhe radicalmente o sentido; deste ponto de vista, mito e poesia são “discursos frontalmente opostos” (ROCHA, 2001, p.52).

Como reflexo das tensões existências dos membros de uma sociedade, a interpretação de seus mitos é uma das formas de compreender suas estruturas sociais. Em outra dimensão, a interpretação dos mitos também revelará o inconsciente coletivo, nosso acervo de experiência coletiva, nosso patrimônio comum enquanto membros da humanidade, como definiu Carl Gustav Jung. É por esta razão que, por exemplo, mitos sobre a figura do Sol estavam presentes do Egito Antigo ao Império Inca, quiçá aliás na maioria das culturas de que temos notícia (ROCHA, 2001, p.13).

Lévi-Strauss defendeu, a partir de sua obra *A Estrutura dos Mitos* (1955), que um mito se relaciona tanto a uma determinada sociedade quanto aos demais mitos desta sociedade. Para configurar a teoria, o antropólogo francês concebeu dois eixos: “o mito se explica quando o comparamos com outros mitos num eixo horizontal e quando olhamos a estruturação e o pensamento da sociedade de onde retiramos o mito, num eixo vertical” (ROCHA, 2001, p.86).

Estabelecendo a tríade *linguagem, música e mito*, Lévi-Strauss demonstra a estreita relação entre *linguagem e mito*, estabelecendo que tanto *música* quanto *mito* provêm da *linguagem*.

Para o antropólogo, a linguagem seria composta de três níveis: *fonemas* (sons isolados sem significação), *palavras* (sons agrupados formando elementos com significação) e *frases* (reunião de palavras, formando outra dimensão de significação); a *música*, por dois níveis estruturais: *notas musicais* (que isoladamente são puro som sem significação e corresponderiam aos *fonemas*) e *frases melódicas* (melodias criadas a partir da combinação de notas musicais que corresponderiam às frases e não às palavras na *linguagem*), faltando portanto o nível correspondente às palavras; no mito, por sua vez, as palavras é que são combinadas criando frases, não havendo o correspondente ao nível dos fonemas na linguagem. Assim, embora *música e mito* tenham origem na linguagem, *a música acentua a dimensão do som e o mito acentua a dimensão do significado* (ROCHA, 2001, pp.79-81).

Esta divisão estrutural em níveis levará Lévi-Strauss a determinar que o mito se compõe de pequenas unidades estruturais que sempre se repetem chamadas *mitemas*. Para Miriam Elza Gorender, em seu ensaio *Batman e o parricídio*, um mito pode mesmo ser reduzido aos seus mitemas, que revelam a estrutura básica e invariável de deste mesmo mito:

Tais *mitemas*, no entanto, poderiam ser permutados, dando origem a inúmeras combinações de variantes. O mito não será, portanto, correspondente a qualquer destas variantes isolada, nem haverá uma variante que corresponda de forma mais autêntica ao mito, ou à sua forma original. Todas as versões pertencem ao mito. Assim é que Lévi-Strauss inclui o próprio Freud como uma das fontes do mito de Édipo (GORENDER, s/d, acessado em 17/02/07).

Por esta razão, a apreensão do sentido do mito pressupõe dois níveis de leitura: o primeiro nível seria pela leitura *diacrônica*, que segue a seqüência linear da leitura frasal mas não revela o sentido fundamental do *mito* – isto porque o significado do mito, para Lévi-Strauss, está vinculado a grupos de acontecimentos por vezes afastados entre si dentro do enredo do mito, o que determina que o mito seja lido em sua *totalidade*, através de uma leitura *sincrônica*. A música, como o mito, também demanda uma leitura sincrônica para que se apreenda suas diversas dimensões de significação.

Finalmente, é fundamental destacar que *mito* não se opõe à *verdade*. Inicialmente, vale considerar que o conceito de ‘verdade’ pode se referir, simplesmente, a uma convenção bem-sucedida sobre determinado fato, sendo, portanto, um conceito relativo. O mito não trai a verdade, estimulando inclusive o comportamento e o pensamento humano para lidar com suas questões existenciais – comportamento e pensamento que, na prática, se tornarão a *verdade* para determinada sociedade. A *eficácia do mito* advém de sua *efetividade* para a relação do homem com sua própria existência, com a sociedade, com o mundo e o cosmos – e não de seu teor de ‘verdade’ enquanto fato histórico e científico. Assim, da verdade que o mito não se propõe ter, fica, a eficácia e o valor social (ROCHA, 2001, pp.14-15).

Antes de passarmos para *O Minotauro* de Lobato, apresentamos, para rápida referência, uma versão resumida do mito grego disponível na rede mundial de computadores em <http://www.kairell.donagh.nom.br/minotaur.htm>:

Minos, um homem que almejava ser rei, deslumbrava a população afirmando que os deuses lhe concederiam quaisquer desejos, graças e favores que exigisse. Pondo-o à prova, as pessoas sugeriram que ele pedisse ao deus do mar, Posêidon, que fizesse surgir das águas um touro. Observado por crédulos e incrédulos, Minos dirigiu-se à praia e fez uma fervorosa invocação ao deus do mar. Para o espanto e alegria dos espectadores, as águas entraram em turbulência, as ondas avançaram e, finalmente, se rasgaram num profundo abismo, do qual surgiu um bellissimo touro branco. Exuberante e magnífico, nadou até a terra e galopou por entre o povo embevecido. Parou junto a Minos, que o abraçou em alegria. Minos decidiu guardar o touro para si, ao invés de sacrificá-lo a Posêidon, como havia prometido antes. A população, maravilhada, o proclamou rei de Creta.

Mas Posêidon não havia esquecido a promessa. Enfurecido com a deslealdade do mortal, o Senhor dos Mares reuniu-se com seus filhos e suas feras para decidirem o castigo de Minos. Deveria ser algo soberbo e que desencorajasse qualquer homem que pensasse em seguir a traição do rei de Creta. Tritão, filho de Posêidon, sugeriu uma sublime vingança. Posêidon fez com que a rainha de Minos, Pasiphae, se apaixonasse perdidamente pelo touro branco. Da sua união, surgiu um filho que se tornou a vergonha e a desgraça do traidor. Nem homem, nem animal, mas uma insólita combinação dos dois: uma criatura com corpo humano e cabeça de touro, uma anomalia repulsiva e aterradora que semearia o terror na região.

Estava feito. Logo ao nascer, a criatura mostrou sua perversidade, alimentando-se de carne humana unicamente. Em poucos dias, se tornou adulto com chifres imensos e pontiagudos. Os cretenses, em pavor, o chamaram Minotauro - *o filho-touro de Minos*.

O rei o respeitava e temia, não se atrevendo a opor-lhe qualquer resistência. Juntamente com o pavor ao monstro, havia o medo de incorrer novamente na ira de Posêidon, pois intuiu a intervenção do deus naquele nascimento. Assim, ordenou ao arquiteto e inventor Dédalo que construísse um palácio chamado "Labirinto", repleto de câmaras e corredores, tão complexo que a saída se tornava impossível. Ali, o Minotauro foi confinado. Apenas Dédalo sabia como sair do gigantesco palácio.

Para acalmar a criatura, Minos oferecia todos os anos 14 dos mais belos jovens das cidades que lhe deviam favores ou tributos. O herói grego Teseu, determinado a acabar com os inúteis sacrifícios, se fez passar por uma das vítimas do Minotauro. Com a ajuda de Ariadne, filha de Minos que se apaixonou pelo herói, Teseu conseguiu seguir pelo Labirinto. O herói levou consigo um novelo de lã que recebera de Ariadne e o ia desenrolando à medida que avançava. Teseu enfrentou e matou o Minotauro, cravando seu próprio chifre direito em sua testa.

(disponível em <http://www.kairell.donagh.nom.br/minotaur.htm> - acessado em 12/03/07)

5.2 Maravilhas em *O Minotauro*

O Minotauro (LOBATO, 2003) começa a partir do fim de *O Picapau Amarelo* (LOBATO, 2004), quando os personagens do Sítio resolvem resgatar Tia Nastácia, raptada pelos “*monstros da Fábula*” da mitologia grega que invadiram a festa de casamento de Branca de Neve com o Príncipe Codadade.

A idéia de escrever aventuras que terminassem em “ganchos” irresistíveis com continuidade em dois ou mais livros é apontada por alguns críticos como mais uma inteligente medida de Lobato-Editor.

Tal medida é explicitada já no capítulo I de *O Minotauro*, significativamente intitulado *Uma aventura puxa outra*, que ainda abre a obra com o seguinte parágrafo: “Os leitores do ‘*Picapau Amarelo*’ fatalmente desapontaram com o desfecho da história” (LOBATO, 2003, p.7).

Os heróis do Sítio decidem partir em expedição à Grécia para salvar Tia Nastácia das garras dos monstros mitológicos. Mas, claro, não se trata de chegar à Grécia contemporânea aos personagens, mas à Hélade mitológica.

Aliás, mais adiante na narrativa, Lobato fará uma poética analogia entre as diferentes eras gregas e as fases da vida do homem: ao desembarcar na Atenas do século de Péricles, Dona Benta decide lá permanecer, ao invés de acompanhar Pedrinho ao passado mais longínquo da Grécia heróica. Assim ela justifica ao neto sua desistência:

– (...) Terei mais gosto em passar algum tempo nesta cidade de Péricles, estudando costumes e conversando com vultos eminentes, do que andar à aventura com os monstros da Fábula. Deixo isso para vocês, que estão no período heróico da existência (LOBATO, 2003, p.37).

O período preferido por Dona Benta é o tempo de Péricles, enquanto o de seus netos, como ela mesma supõe e Pedrinho confirma, é o tempo da Grécia Heróica, “em que aquilo lá era uma coleção (...) de tribos em luta; o tempo da guerra de Tróia que Homero descreve na *Ilíada*; e o tempo dos heróis tebanos, da viagem dos Argonautas, dos monstros fabulosos, como a Hidra de Lerna e outros” (LOBATO, 2003, p.11).

Emília, em contraponto, não vê a hora de partir para a Hélade dos monstros e heróis: “ – (...) Ela [Dona Benta] que fique cocando estas artes de Atenas. Eu quero façanhas. Sou quixótica...” (LOBATO, 2003, p.37).

Já no primeiro capítulo da obra, o narrador esclarece a diferença entre as duas Grécias exaltando aquela mitológica, terra ancestral do maravilhoso ocidental. A primeira apresentação da Grécia antiga elenca somente seus personagens mitológicos, trazendo a porção maravilhosa da cultura grega que a aproxima do imaginário da criança-leitora e a seduz para a aventura da descobrir todo o encantamento da mitologia grega:

Mas para que Grécia? Há duas – a Grécia de hoje, um país muito sem graça, e a Grécia antiga, também chamada Hélade, que é a Grécia povoada de deuses e semideuses, de ninfas e heróis, de faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Oh, sim, lá é que era a grande Grécia imortal. A de hoje só tem uvas e figos secos – e soldados de saíote (LOBATO, 2003, p.8).

A fala de Dona Benta funciona como mediação do conhecimento e é através dela que o leitor percebe a importância e a influência predominante da cultura grega na formação da cultura ocidental, já nas primeiras páginas da obra:

– (...) Pequenina foi a Grécia em tamanho – e tornou-se o maior povo da antiguidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas. Tão grande foi o seu valor, que até hoje o mundo está *impregnado* de Grécia.” (LOBATO, 2003, p.8 – *grifo do autor*)

Não falta também a referência à influência grega no próprio vocabulário de nossa Língua Portuguesa; Narizinho destaca, por exemplo, que “*geografia*” e “*gramática*” são palavras de origem grega.

A cultura grega vai sendo apresentada gradual e suavemente, a partir de episódios cotidianos da realidade das crianças. O conhecimento adquirido se configura, assim, em algo vivo, concreto e útil. É neste sentido que a influência grega em nossa arquitetura ocidental é demonstrada por Dona Benta a partir de edificações que as crianças conhecem:

– (...) Os mais lindos monumentos das capitais modernas são gregos, ou têm muito da Grécia. O monumento do Ipiranga, em São Paulo, grego dos pés à cabeça. As colunas, os capitéis das colunas (...). Vou desenhar alguns desses elementos para

que vocês vejam com que frequência eles aparecem na frontaria dos nossos prédios (LOBATO, 2003, p.10).

A proximidade da influência grega à realidade das crianças é comprovada usando-se até um personagem do Sítio, o rinoceronte Quindim, como revela Dona Benta:

– (...) Até o Quindim é bastante grego, apesar de ter nascido na África, já que é paquiderme e rinoceronte. Paquiderme é uma palavra que vem do grego pachy, grosso, e derm, pele ou couro. (...) E rinoceronte é palavra que vem do grego rhinoceros: - rhino, nariz; e ceros, chifre. O bicho de chifre no nariz (LOBATO, 2003, p.10).

Dona Benta utiliza ainda o discurso do promotor ouvido de fato pelas crianças para mostrar “as coisinhas gregas”, como denomina, presentes na oratória: esclarece que Demóstenes, citado pelo promotor, “foi o máximo orador da Grécia”; esclarece que “himeneu”, palavra também presente no discurso de referência, hoje significa casamento, “mas na Grécia antiga era o nome do deus do casamento – filho de Baco e de Vênus”; ensina que Apolo e Aurora, também presentes no discurso, são, respectivamente, “o deus grego da música, das artes e da eloquência” e “a deusa grega da manhã, que abria o dia no seu carro puxado por corcéis de asas, com uma estrela na testa e um archote aceso na mão”. Ressalte-se ainda, na descrição da deusa Aurora, o destaque dado a aspectos típicos do *maravilhoso*, como os cavalos alados de seu carro e a estrela em sua testa. (LOBATO, 2003, p.8).

O discurso do promotor serve ainda para apresentar às crianças a equivalência entre os deuses gregos e romanos e seus diferentes nomes em cada uma dessas culturas. Vejamos a explicação de Dona Benta:

– É Eros na Grécia e Cupido entre os latinos. Com a mudança para Roma, depois que Roma conquistou a Grécia, os deuses gregos mudaram de nome. Zeus, o pai de todos, virou Júpiter; Ártemis virou Diana; Palas Atena virou Minerva; Heracles virou Hércules, e assim por diante (LOBATO, 2003, p.8).

Dona Benta esclarece ainda que não é apenas nos discursos e registros de “língua culta” que a influência da cultura grega se faz sentir, mas na própria fala popular, através da qual “tia Nastácia de vez em quando vem com uns greguismos”. Quando a cozinheira do Sítio diz ‘eco’, embora talvez desconheça,

usa uma palavra que deve sua origem à ninfa grega Eco, “que falava pelos cotovelos e (...) incorreu na ira da deusa Hera”, como ensina Dona Benta (LOBATO, 2003, pp.9-10).

A importância da filosofia grega como pilar básico do pensamento ocidental e sua atualidade face às proposições da filosofia moderna também é passada às crianças por Dona Benta: “ – (...) E no pensamento, então? A maior parte das nossas idéias vem dos gregos. Quem estuda os filósofos gregos encontra-se com todas as idéias modernas, ainda as que parecem mais adiantadas” (LOBATO, 2003, p.10).

Antes da viagem, Dona Benta revela aos meninos um pouco da história do grande Péricles e seu século, segundo a versão do “famoso contador de vidas Plutarco”. Contando a vida de Péricles, Dona Benta aproveita para falar sobre o conceito de beleza olímpica, caracterizada “pela serenidade da força e o perfeito equilíbrio de tudo” e sentida “diante das estátuas que representam os deuses do Olimpo” (LOBATO, 2003, p.12).

A beleza olímpica também é atribuída à liberdade “das preocupações do medo” em que viviam os deuses gregos, que “estavam acima da Moral e do Medo (...) e alimentavam-se da maravilhosa ambrosia”. Um mortal, ao contrário, “por mais belo que seja, raramente poderá revelar a beleza olímpica, porque tem o físico marcado pela pelas preocupações morais e materiais do mundo” (LOBATO, 2003, p.12).

Ainda nesse momento, Dona Benta é solicitada a explicar o que era o Olimpo e a Tessália, o que permite ao narrador destacar e valorizar a importância da curiosidade, da sede de saber e do eterno questionamento infantil: “Dona Benta suspirou. Para chegar a uma coisa tinha que dar mil voltas explicativas de outras. Os meninos faziam questão de tudo muito bem esclarecidinho” (LOBATO, 2003, p.11).

Finalmente, assim Dona Benta resume a abrangência da cultura grega em nossa formação ocidental: “– (...) A Grécia está no nosso idioma, no nosso pensamento, na nossa arte, na nossa alma; somos muito mais filhos da Grécia do que de qualquer outro país” (LOBATO, 2003, p.10).

Como afirma Sonia Maria Rodrigues Mota em *Monteiro Lobato para crianças: recepção e carnaval* (MOTA, 1993), Dona Benta

amplia o horizonte de atenção dos picapauzinhos, tematizando elementos que não constavam em seu repertório e, provavelmente, não constavam também do repertório dos receptores infantis (...). Esta estratégia, de ampliar o repertório das crianças-personagens para ampliar o repertório da criança receptor está perfeitamente coerente com o propósito humanista de Lobato de difusão cultural, de resgatar o passado para através da reflexão iluminar o presente (MOTA, 1993. pp. 62-63).

Já a vasta história da Grécia é introduzida aos leitores de forma mais detalhada mais adiante, no capítulo XI, denominado *O sonho de Pedrinho*. Neste capítulo, Lobato trabalha o maravilhoso de modo particularmente poético: Pedrinho encontra, em sonho, um velho ancião que lhe revela “– Sou de todos os lugares e de todos os tempos. Sou a História” (LOBATO, 2003, p.46) e depois se transforma numa bela musa que passa a contar ao menino (e a todos os leitores) a história da Grécia desde os seus primórdios. O encantamento que Lobato empresta à voz da musa torna interessantes e inteligíveis os detalhes históricos e os complicados nomes de tribos e regiões gregas, numa verdadeira valorização da vivacidade de espírito da criança e sua capacidade de compreensão:

“Embora a linguagem da musa fosse das mais elevadas, e imprópria para menores da idade de Pedrinho, tudo compreendeu ele perfeitamente. Seu espírito era vivo como o dum heleno da idade do ouro. E Pedrinho exultou, porque estava justamente onde queria – em plena Grécia Heróica, ou melhor, na Hélade Heróica, visto que a palavra Grécia só muito mais tarde iria aparecer” (LOBATO, 2003, p.48).

Depois de narrar os principais episódios da formação e do desenvolvimento da Grécia, a musa desaparece depois destas últimas belas palavras:

– Mas não morrerão nunca as formosas criações do espírito helênico. No sangue dos homens brilhará sempre a luz das idéias que a Raça Esplêndida soube gerar (LOBATO, 2003, p.49).

Liberdade e bom governo, nas exatas palavras de Dona Benta, seriam o segredo da fertilidade e da sofisticação do pensamento grego e do desenvolvimento político, social e cultura alcançado pelo mesmo povo:

– A coisa teve início quando um legislador de gênio chamado Sólon fez as leis da democracia. (...) As leis de Sólon deram aos gregos a verdadeira liberdade, a maior que um povo ainda gozou. Conseqüência: tudo se desenvolveu de modo felicíssimo (LOBATO, 2003, p.13).

A primeira edição de *O Minotauro*, obra de Lobato que ora percorremos, foi lançada em 1937, mesmo ano em que nosso país sofreria, em 10 de novembro, o golpe do Estado Novo e mergulharia por oito anos na ditadura de Getúlio Vargas. É interessante observar como a voz de Dona Benta, a voz professoral que fala do lugar do saber, é utilizada por Lobato para falar de opressão, liberdade e democracia:

– Porque para o homem o clima ‘certo’ é um só: o da liberdade. Só nesse clima o homem se sente feliz e prospera (...). Quando muda o clima e a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência (LOBATO, 2003, p.13).

A tensão entre *opressão e liberdade* de que nos fala Dona Benta também não se restringe ao cenário político, mas abrange a repressão social, doméstica e até de pensamento imposta às crianças do tempo da narrativa:

– (...) Mas se eu fosse uma avó má, das que amarram os netos com os cordéis do ‘não pode’ – não pode isto, não pode aquilo, sem dar as razões do ‘não pode’ – vocês viveriam tristes e amarelos, ou jururus, que é como ficam as criaturas sem liberdade de movimentos e sem o direito de dizer o que sentem e pensam (LOBATO, 2003, p.14).

Em seguida, ainda através da voz de Dona Benta, Lobato mais uma vez dá notícia de seu próprio posicionamento filosófico e ideológico, destacando a *liberdade* como valor universal que impulsiona o desenvolvimento intelectual e a conquista da felicidade para a humanidade.

A *liberdade de imaginação* é especificamente destacada pelo autor como a verdadeira propulsora do progresso humano e como principal elo entre a Grécia Antiga e o Sítio do Picapau Amarelo. Lobato não faz por menos:

– (...) A Grécia, meus filhos, foi o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade, foi a terra da imaginação às soltas. Por isso, floresceu com um pé de ipê (...) e deu flores raríssimas como a sabedoria de Sócrates e Platão... (...) A vida lá era um prazer – era o prazer dessa mesma liberdade que vocês gozam no Sítio. O prazer de sonhar e criar a verdade e a beleza. (...)
- Viva o Sítio do Picapau Amarelo da antiguidade! – berrou Emília (...) (LOBATO, 2003, p.14).

Lobato traz ainda pioneiramente para a literatura infantil o tema da *política*, tratada com a seriedade que prestigia a capacidade intelectual do leitor infanto-juvenil. Vejamos o que revela Dona Benta a Péricles:

– (...) Esta forma democrática de Atenas tropicará no meio do caminho. Será destruída pela palavra ‘Estado’, que crescerá e dominará tudo até chegar à forma ‘totalitária’ em que o som ‘Estado’ é o total, e nós, os indivíduos, simples pulgas (LOBATO, 2003, p.25)

Na literatura infantil lobatiana há ainda lugar para reflexões sociológicas a partir dos conceitos de evolução e sobrevivência das espécies de Charles Darwin. Em *O Minotauro*, tais reflexões são introduzidas com o mais fino humor, quando Emília justifica por que razão obriga o Visconde a carregar a pesadíssima canastra durante todas as viagens do grupo:

– (...) e quem tem que carregá-la é ele, porque é o mais fraco de todos, e a lei do mundo é o forte (...) abusar do fraco. E a culpa (...) é do Visconde mesmo, que nos andou ensinando as teorias dum Darwin, que disse que a vida é um combate que aos fracos abate e aos fortes e aos bravos só pode exaltar...
– Pare, Emília! – gritou Pedrinho. (...) Isso não é Darwin, é um verso do poeta Gonçalves Dias (LOBATO, 2003, p.43).

A citação acima revela ainda que a literatura lobatiana, em muitos momentos, inspira o leitor a fazer associações bastante produtivas para sua formação humanista, como esta entre as teorias de Darwin e os versos de Gonçalves Dias.

Dentro dos ‘sérios’ assuntos ‘adultos’ que Lobato traz aos seus leitores não faltam também as polêmicas em torno do conceito de arte, quando Dona Benta estabelece para Péricles que a ‘arte moderna’ que substituirá a estética grega é o “horrendo grotesco que para os meus modernos constituirá a última palavra de beleza” (LOBATO, 2003, p.26). Ao ver uma página de ‘arte moderna’ que lhe passa Dona Benta, Péricles apimenta a polêmica ao considerar as esculturas modernas ali presentes semelhantes às “obras rudimentares dos bárbaros da Ásia e das regiões núbias abaixo do Egito...” (LOBATO, 2003, p.26).

Finalmente, a voz do narrador resume as idéias expressas no episódio colocando lado a lado as palavras totalitarismo, cubismo e futurismo e fechando com “Pobre humanidade!” (LOBATO, 2003, p.26).

As discussões em torno de questões de arte prosseguem mais adiante na narrativa, quando a voz de Péricles insinua, sem explicitar, o conceito de *mimesis*: “– (...) Os escultores não reproduzem a natureza tal qual como é. Modificam-na num certo sentido, com uma certa intenção. Arte é isso.” (LOBATO, 2003, p.34).

Na seqüência, Dona Benta aprofunda o debate com Pedrinho, que questiona se “o belo não é o natural escarrado” (LOBATO, 2003, p.34):

– (...) Se fosse, (...) a maior das artes seria a fotográfica, porque a fotografia reproduz exatamente a natureza. A arte é uma estilização, isto é, uma falsificação da natureza num certo sentido (...). Você bem sabe que não é nas fotografias que encontramos o belo – é nos desenhos que modificam o real segundo o gosto do desenhista (LOBATO, 2003, p.34).

Vale reconhecer que muitas ressalvas podem ser feitas à afirmativa de que a fotografia não contempla o belo nem estiliza a natureza, não sendo, portanto, arte. Entretanto, alterar sobre o tema não é o objetivo deste trabalho. As citações sobre o conceito de arte servem para ilustrar o tipo de conhecimento e questões fundamentais que Lobato buscava levantar em sua reelaboração de obras do *maravilhoso*.

A “modernidade” das primeiras décadas do século XX, época da escrita de *O Minotauro*, é apresentada pelo autor como antítese da beleza do mundo grego. A idéia é de que a velocidade da modernidade atropelou o ócio contemplativo e criador de beleza de que dispunham os gregos antigos, como percebemos pelas primeiras impressões de Pedrinho ao chegar à Grécia de Péricles:

– (...) Aqui este sossego. Que maravilha! Agora compreendo por que esta gente pensou tantas coisas bonitas – é que não vivia atropelada, como nós, pelas horríveis máquinas que o demônio do progresso inventou (LOBATO, 2003, p.15).

Em seguida, a intervenção da voz do narrador merece ser transcrita na medida em que ratifica o posicionamento cético de Lobato face ao provável deslumbramento de seus contemporâneos com as maravilhas do mundo moderno:

Dona Benta concordou que o progresso mecânico só servia para amargar a existência dos homens. As ruas, feitas originariamente para os pedestres, foram invadidas pelas máquinas de correr e de empestar o ar com o fedor da gasolina – máquinas tremendamente destruidoras, que fazem mais vítimas num ano do que fizeram na Grécia Antiga todos os Minotauros e Quimeras (LOBATO, 2003, p.15).

Adicionalmente, ao comparar automóveis com feras mitológicas, atenuando a periculosidade destas, Lobato sugere a face monstruosa que pode ter o avanço tecnológico da humanidade, embora fosse ele um empreendedor da modernidade na vida pessoal.

Não se trata, assim, de negar ou desprezar as vantagens do progresso. Dona Benta, embora chame os automóveis de “minotauros mecânicos” (LOBATO, 2003, p.14), esclarece que o progresso é inevitável, é o que “nos empurra para frente – para delícias e também para mais tumulto” (LOBATO, 2003, p.15). As passagens sobre o progresso da civilização, assim, não se prestam a condená-lo; nem a louvá-lo fanaticamente como o fizeram, por exemplo, os estetas das escolas do Futurismo ou Modernismo, tantas vezes antagonistas de Lobato em controvérsia intelectuais. Trata-se de entender os dois gumes do progresso pela ótica da *relatividade*, sem dogmatismo - ou, como talvez diria o próprio Lobato, de concebê-lo sem *mistificação*.

Em seu trabalho com o maravilhoso, Lobato jamais desperdiçou oportunidades de passar *conhecimento* para seus leitores – conhecimentos e informações que poderíamos reconhecer, de forma mais imediata, como pertencentes a uma concepção de *cultura geral* defendida pelo autor como base sólida para o amplo desenvolvimento do potencial intelectual do homem.

Só para arrolar alguns exemplos, em *O Minotauro*, os leitores aprendem o que são ninfas, náíades, dríades e sátiros; conhecem o herói Hércules e seus doze trabalhos, a Esfinge e o oráculo de Apolo, onde, aliás, a Pítia revela em enigma o paradeiro de Tia Nastácia aos personagens; conhecem o grande Sócrates, Sófocles e uma tragédia de Eurípedes, detalhadamente narrada na obra; conhecem a festa da Panatenéia, o Minotauro, claro, Péricles, Fídias, entre muitos outros.

A proposta de *formação do homem* idealizada por Lobato, aliás, possui traços de caráter *humanista* onde, além de elementos de *cultura geral*, não faltam fundamentos de Ética, Moral, pensamento filosófico, político e ideológico, cidadania e o patriotismo muito particular do autor.

É neste sentido que em *O Minotauro* há espaço até para descrever aos leitores, em detalhes, o vestuário dos gregos da antiguidade, ensinando inclusive a correta pronúncia de determinados fonemas gregos (LOBATO, 2003, p.14), para logo em seguida, pela voz sarcástica de Emília, ironizar o vestuário moderno com seus aparatos e acessórios que se opõem à leveza das roupas dos gregos antigos:

“(…) as nossas grotescas modas modernas são coisas que nos fazem pensar pensamentos tristes, porque provam como vamos perdendo o senso de beleza” (LOBATO, 2003, p.16).

O vestuário moderno é apresentado em sua “frivolidade” e “imbecilidade”; a casaca masculina, para Emília, deixa os homens tal qual macacos com dois rabos, e o orgulho que os cavalheiros exibem com suas casacas e cartolas os revestem do “mesmo orgulho dos selvagens africanos que se enfeitam de penas de rabos de avestruz, só que um rabo de pena é muito mais decente que um rabo de pano preto” (LOBATO, 2003, p.16).

A vida cotidiana dos gregos na antiga Atenas é apresentada de forma idealizada: “A vida deles era conversar, discutir filosofia, dizer mal de Péricles; gozar o presente, em suma” (LOBATO, 2003, p.17). Isto ilustra o valor dado por Lobato ao tempo destinado à reflexão, à contemplação e à possibilidade de filosofar.

Mas não é apenas o mundo grego antigo que se apresenta como maravilhoso para os viajantes do Sítio. O contato entre os personagens do Sítio com os gregos da antiguidade acaba por promover o encontro de dois mundos maravilhosos que alimentam a fantasia das duas partes. O Visconde, por exemplo, se afigura aos gregos como elemento maravilhoso não somente por ser um objeto animado e humanizado, mas pelo próprio material de que é feito: “(…) naquele tempo ninguém sabia de sabugos. O milho só se espalhou pelo mundo depois da descoberta da América, da qual é originário” (LOBATO, 2003, p.18). O milho, tão ordinário alimento para os leitores de Lobato, é, para os gregos, motivo de deslumbramento – e ensejo para o autor para informar aos seus leitores, superficialmente, o continente de origem do vegetal de grãos e espigas.

As *maravilhas* contadas, trazidas e apresentadas pelos habitantes do Sítio aos gregos são consideradas extraordinárias pelos últimos, mas não ilógicas. É assim que Fídias fala de Dona Benta para Péricles: “(…) Parece doida. Só diz coisas absurdas, loucas – mas duma loucura perfeitamente raciocinante” (LOBATO, 2003, p.18). Sutilmente, a passagem nos remete à distância que há entre o domínio do *maravilhoso* dos domínios da insanidade, da irracionalidade pura e simples.

Em outra passagem, Pedrinho, Emília e Visconde chegam à Hélade heróica e lá encontram um pastor, assombrado com a aparição daqueles seres

maravilhosos, que assim se apresentam: “– (...) Somos exploradores do tempo graças a um pó mágico que nos leva a qualquer século que queiramos visitar” (LOBATO, 2003, p.43).

A possibilidade de conhecer a Grécia antiga também se apresenta à Dona Benta como uma experiência plausível dentro da esfera do maravilhoso e do fantástico – esfera onde ela aprendeu a transitar com confiança pelo exercício da fantasia, caminho que se aprende caminhando: “(...) Felizmente o hábito de viver no mundo das maravilhas tinha-a deixado muito segura de si” (LOBATO, 2003, p.18).

O livre trânsito entre as diversas dimensões do conhecimento e experiências humanas permite supor a imensidão do universo e seus mistérios sem o dogmatismo de concebê-los por um exclusivo e intolerante ponto de vista. É nesta sintonia que Lobato chega a falar com seus leitores sobre a relatividade da categoria Tempo, através da explicação de Dona Benta para Péricles:

– Sim, Senhor Péricles, reconheço que estamos numa situação bem estranha. Aqui tudo é presente; é o ano 438 antes de Cristo; mas o “seu” presente, senhor Péricles, não é o meu. O meu presente é o ano de 1939 depois de Cristo (...) (LOBATO, 2003, p.19).

Sendo de outro tempo, Dona Benta pode narrar o futuro da Grécia ao grande Péricles. As minúcias por ela relatadas levam-no a considerá-la uma vidente superior às pitonisas. É mais uma oportunidade para destacar a relatividade da noção de *Tempo*, não desperdiçada por Dona Benta:

– (...) Os fatos que anunciei, e os senhores tomaram como previsão do futuro, são para mim velhíssimas coisas já realizadas, porque estão localizadas entre o “meu” presente e o presente dos senhores. Não estou visualizando o futuro – estou recordando o passado... (LOBATO, 2003, p.20).

Por outro lado, as revelações feitas pelos personagens do Sítio aos gregos simbolizam que, sem prejuízo do inestimável legado que estes deixaram para a humanidade, também podem aprender muito com os habitantes do Picapau Amarelo, contemporâneos dos leitores de Lobato. Aliás, nas passagens onde a narrativa da conta de informações desconhecidas pelos gregos, estes se igualam aos leitores da obra que, via de regra, também estão adquirindo ou aprofundando conhecimentos da chamada ‘cultura geral’.

Dando continuidade à salada de fábulas (*intertextualidade*) preparada por Lobato em outras obras e incrementando-a com o exercício da *intratextualidade* (ou *autotextualidade*), em *O Minotauro* Dona Benta conta para Péricles a aventura vivida em *O Picapau Amarelo*, quando os “personagens das fábulas” se mudam para o Sítio. Péricles passa a conhecer personagens de outras tradições do maravilhoso, como Branca de Neve, Peter Pan, Capinha Vermelha, Aladino, D. Quixote, entre outros (LOBATO, 2003, p.21). Até a atriz mirim Shirley Temple é mencionada aos gregos (LOBATO, 2003, p.85).

Em outra passagem, temperando ainda mais a salada de fábulas, Emília iguala Tia Nastácia à deusa Palas Atena para explicar a um pastor grego a importância da quituteira para o povo do Sítio – e, de quebra, ainda inclui D. Quixote em sua fala: “– (...) Pois atrás dela andamos – (...) porque é a Palas Atena lá da cozinha do Picapau Amarelo. Não erra no tempero. (...) D. Quixote até engordou vários quilos” (LOBATO, 2003, p.45).

Emília também assombra Fídias quando fala ainda da versão cinematográfica de Branca de Neve e os sete anões, de Walt Disney. É neste capítulo, intitulado Fídias nocaute, que o escultor vai conhecendo diversas descobertas e invenções futuras da humanidade, como o rádio, o cinema, o automóvel, etc. A revelação de que a Terra é redonda e a narrativa da viagem de circunavegação de Fernão de Magalhães dão a medida de que os prodígios perpetrados pela humanidade no curso de sua história apresentam-se como eventos maravilhosos e fantásticos para um grego antigo. De fato, não é difícil percebermos, não sem assombro, que os avanços da ciência se tornaram maravilhosos como as mágicas ficcionais – daí concluirmos que a ciência passou a ser o lugar do fantástico.

A própria Emília se refere a ‘avanços tecnológicos’ pertencentes ao cotidiano do homem comum da época da escrita de *O Minotauro* como parte das mágicas realizadas e vividas pelos personagens do Sítio, tornando as mágicas fantásticas próprias do universo ficcional indistintas das facilidades palpáveis da vida ‘real’:

– Meu caro, somos dum tempo em que as mágicas atingiram o apogeu. Moramos no Picapau Amarelo, a coisa mais mágica que existe no mundo. Tudo lá é mágica. A gente abre uma caixinha, tira um pauzinho cabeçudo e risca – e aparece o fogo! (...) Outra: a gente aperta um botão na parede e em vários pontos da casa surge uma luz mil vezes mais forte que a dos candeeiros daqui. (...) Outra: a gente (...) esfrega

um tal sabão e a sujeira se dissolve. (...) Outra: a gente pega um pauzinho chamado lápis e escreve num papel (...) (LOBATO, 2003, p.57).

A organização do discurso científico, no entanto, costuma apresentar-se de modo diferente daquela própria do maravilhoso, estabelecendo, assim, que *fantasia é forma e não conteúdo*, como sintetiza Rodari.

Um exemplo bastante eloqüente da concepção de um simples objeto cotidiano pela forma da fantasia é a descrição do fósforo feita por Emília ao jovem pastor grego:

– (...) Em vez de pensamentos, os tais pauzinhos te fogo na cabeça – fogo recolhido. Mas eles não gostam de cafuné. (...) Nós, então, de maus, coçamos-lhes a cabeça, (...) esfregamo-las numa lixa (...) que há nas caixinhas – e o desespero dos pobres fósforos é tamanho que explode no fogo (LOBATO, 2003, p.58).

A narrativa de Lobato não apenas expõe a diferença entre tais discursos como destaca a importância fundamental e específica do *lugar da fantasia*, como podemos depreender da passagem em que um pastor grego atribui o amanhecer do dia à chegada da deusa Aurora, enquanto o Visconde se apressa em relatar as explicações científicas acerca do nascer do Sol, pois “os cientistas pensam do sol de maneira muito diferente dos poetas” (LOBATO, 2003, p.50). O discurso científico diante do belo espetáculo provoca a ira de Emília:

(...) Emília barrou a preleção astronômica que o Visconde ia começando a impingir.
– Cale-se! – disse ela. – O que vejo lá em cima é a Aurora mesmo, com os seus dedinhos cor-de-rosa, a guiar o carro de fogo. Muito mais bonito assim (LOBATO, 2003, p.50).

Emília ainda chama a atenção de Pedrinho para o fato de que as explicações mitológicas para os fenômenos naturais na antiga Grécia reveste a tudo de comovente profundidade poética: “– Já reparou – disse ela – como a ciência fica uma coisa sem graça aqui na Grécia? Tudo cá é poesia – e a ciência é prosa” (LOBATO, 2003, p.51).

A voz do narrador descreve que o grupo assistiu “ao nascer do sol como se estivessem num teatro vendo a fita de Branca de Neve” (LOBATO, 2003, p.50). A contemplação do raiar do Sol com os olhos da poesia e do mito, para muito além das concepções astronômicas, possibilita aos personagens do Sítio a

descoberta da magia dos mais simples eventos cotidianos, como conclui Pedrinho: “– Parece incrível que só agora eu haja descoberto como é lindo o nascer do sol, uma coisa de todos os dias mas que bate quanta fita há no mundo. Que assombro!...” (LOBATO, 2003, p.50).

A literatura lobatiana, de fato, estimula os leitores ao exercício da *fantasia* como *forma* de elaborar e ver qualquer *conteúdo*, para descobrir e criar *potencialidades* que o discurso tradicional da ciência não consegue contemplar.

Neste sentido, Sônia Maria Rodrigues Mota, em sua dissertação de Mestrado intitulada *Monteiro Lobato para crianças: recepção e carnaval*, observa que as obras infantis de Lobato conduzem o leitor à descoberta de que “a ficção nos transmite alguma coisa sobre a realidade, mas o que é transmitido não é unânime, não é um retrato do real (...)” (MOTA, 1993. p.23).

Embora o discurso ficcional não estabeleça um compromisso direto com a chamada realidade, esta é continuamente questionada na literatura infantil lobatiana através do livre exercício da fantasia. Na mesma dissertação, Sônia Maria Rodrigues Mota parte dos preceitos de J.R. Searle em *O estatuto lógico do discurso de ficção* para concluir que

Uma obra de ficção não precisa ser – e geralmente não é – constituída inteiramente de discurso fictício. Isto é especialmente verdadeiro na obra de Monteiro Lobato para crianças porque o autor utiliza bastante a estratégia da intertextualidade com textos literários e históricos, seja para dessacralizar o mito, seja para exercitar a postura iluminista de resgate questionador do passado ou para jogar ludicamente com a fantasia (MOTA, 1993. pp.26-27).

5.3 O banquete mítico de Lobato

Em *O Minotauro*, há diversas passagens onde uma verdadeira estética de *antropofagia* nos revela uma face pouco reconhecida de Lobato. A antropofagia enquanto processo de deglutição e digestão do *outro* como forma de aquisição de seus poderes está presente nesta fala de Emília, quando a boneca suspeita que o Minotauro tenha devorado tia Nastácia e usa diretamente a palavra *antropófaga*: “ – (...) As cozinheiras devem ter o corpo bem temperado, de tanto que lidam com sal, alho, vinagre, cebolas. Eu, se fosse antropófaga, só comia cozinheiras” (LOBATO, 2003, p.11).

Imediatamente depois desta declaração da Marquesa, entra a voz do narrador para nos dizer que “Narizinho teve vontade de vontade de jogá-la aos tubarões”, numa interessante inversão da Emília-devoradora para Emília-devorada (LOBATO, 2003, p.11).

Em outro momento antropofágico, Emília não se contenta em receber informações sobre a ambrósia e o néctar, e revela que quer mesmo é prová-los, possivelmente numa alegoria de que não basta visitar a Grécia antiga, é necessário *devorá-la*:

– Não quero só saber – disse Emília – quero ver e provar. Para mim, o néctar há de ser qualquer coisa como o mel das abelhas – o mel dos deuses. Já a ambrosia não imagino o que seja (LOBATO, 2003, p.12).

Mais adiante na narrativa, o encontro de Dona Benta com o grande escultor Fídias, já na Atenas de Péricles, também revelará a relação antropofágica que a doce avó gostaria de estabelecer com aquele expoente da cultura grega: “Olhava e reolhava para o famoso grego como se quisesse devorá-lo” (LOBATO, 2003, p.18).

De volta ao início da narrativa, uma vez acertada a partida para a Grécia, Dona Benta ressalta que há duas Grécias, *a de hoje* e *a antiga*, mas só a antiga interessa. Os personagens do Sítio decidem que a melhor maneira de *penetrar* na

Grécia Antiga é “pulando por cima da de hoje”, nas palavras de Pedrinho, bastando decidir qual dos períodos antigos é mais interessante.

Acreditamos ser relevante destacar a presença marcante do verbo *penetrar* nesta obra de Lobato. Logo no início do capítulo II, *Rumo à Grécia*, ao decidirem os detalhes da viagem, Dona Benta assim resume a dúvida do grupo: “ - (...) como penetrarmos na Grécia Antiga?” (LOBATO, 2003, p.11).

Em outro momento, Dona Benta informa que a inteligência do grande Péricles “revelava a profundidade das verdadeiras inteligências” e que inteligências não-verdadeiras é o que mais se vê no mundo ‘contemporâneo’ do tempo da narrativa de Lobato, “inteligências de muita vivacidade, muito brilho, mas pouca penetração. (...) A inteligência de Péricles pertencia à classe das verdadeiras, das que penetram no fundo das coisas e compreendem” (LOBATO, 2003, p.13).

No trecho acima, mais uma vez surge o verbo *penetrar* como a ação determinante da verdadeira inteligência, aquela que *penetra* no fundo das coisas para compreendê-las (LOBATO, 2003, p.13).

A *penetração* em outras culturas não apenas para compreendê-las mas para comunicá-las aos seus leitores infantis brasileiros, saboreando com eles o rico banquete do conhecimento, parece ter sido uma das missões fundamentais assumida por Lobato.

A palavra *penetração* é mais uma vez usada e especificamente grifada pelo autor no capítulo VIII, A estátua de Palas Atena, durante um debate entre Pedrinho, Dona Benta, Péricles e o escultor Fídias:

- Muito bem – disse Pedrinho – Na nossa ‘*penetração*’ no fundo da Grécia, havemos de visitar e apresentar cumprimentos a esses Lápitás.
- A palavra ‘*penetração*’ causou espécie aos dois gregos.
- Ah, meus senhores – disse Dona Benta – estes meninos são do chifre furado. Coisa nenhuma os contenta. Vão continuar pela Grécia adentro essa viagem – essa ‘*penetração*’ no passado” (LOBATO, 2003, p.37 – grifos do autor).

Na página seguinte a esta citação, a voz de Dona Benta utiliza de novo o termo ‘*penetração*’ para referir-se à aventura dos netos, e na página 43 é a vez do narrador referir-se a Pedrinho, Emília e Visconde como “os três penetradores” (LOBATO, 2003, pp. 38 e 43).

Lobato antecipa uma certa *globalização cultural*, trocas que rompem as fronteiras *popular/erudito*, e propõe, dentro de sua literatura, um campo fértil de estudos culturais. E pensar que esta questão se tornou polêmica às portas do século XXI como expressão política de culturas em processo de *des-colonização*.